

*Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver do Universo..
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer,
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura...*

O Guardador de Rebanhos, in Poemas de Alberto Caeiro.

Fernando Pessoa

Querem saber um segredo? Vou contar-vos. Toda a gente adora um segredo e este nem sequer é meu. Elias Froes não é quem diz ser. Se está a morrer, como dizem, e se está a escrever um testamento, como dizem, espero bem que ponha nele pelo menos esta confissão. Muita gente parece preocupada – com o testamento e a verdade, não tanto com a morte anunciada de Elias Froes, o padre. Este vilarejo pode até ser pequeno e parado, mas pelo que vi, está bem servido de ilustres atrapalhados com muita vida para esconder; gente que se ocupa a cavar buracos nas histórias que conta e a tapá-los sem jeito nenhum. Também eu sei disto, do cavar buracos e da terra, mas, a mim, o passado nunca me preocupa. O mesmo não acontece com Elias Froes, o padre, nem com o rebanho que ele vem ouvindo nos últimos vinte anos.

Tudo corria bem, até que um dia os boatos correram, e o que trouxeram assustou quem os ouviu. Agora, o povo via na postura diplomática do padre ares de superioridade que não condizem com o lugar que ocupa; na sua batina preta sempre imaculada, o pecado da vaidade; no sorriso subtil e bondoso, uma ironia condescendente para com as coisas abaixo do céu.

Por estes dias, o nervosismo do povo tornava-o ligeiramente senil.

Elias Froes ignorava tudo isto, caminhava calmamente, em dignidade, mãos cruzadas atrás das costas, olhar em todo o lado, atenção

em lado nenhum. Fazia de conta que tentava encontrar uma solução mágica para os erros dos outros e que a carta do hospital, que sentia no bolso, não existia. Tinha por hábito gastar tempo a pensar no mundo, raramente em si próprio. A pequena dimensão da sua paróquia era compensada por um rebanho vivaz em pequenos dramas, que sempre o mantinham entretido.

No deslizar da batina entre os seus passos, uma aura de pó esbranquiçava o preto na bainha e, juntamente com o zumbido das abelhas nas flores ao perto e dos carros na autoestrada ao longe, lá continuou ele, rodeado pelos verdes da terra, com o sol a escorregar do céu.

Português que se pusesse a caminho da montanha, no inverno, ou da praia, no verão, era certo passar por Elias Froes, pela vila de Mont-o-Ver e a planície dos canaviais; mais certo ainda era não reparar em nenhum deles. O padre, esta terra e tanto espaço igual são fáceis de se perder. A velha linha férrea passa-lhes ao lado, os comboios já nem sequer abrandam por aqui; o vilarejo é paisagem e faz o que pode para romper a nova autoestrada. São muitos os carros que passam, mas raros os que pagam a portagem de acesso à vila e à estrada estreita que se estende até aos campos de arroz alagados.

Os poucos que ainda por aqui param é para usar a casa de banho ou abandonar cães. Oigo dizer que nem sempre foi assim; a culpa era da mudança dos tempos e de uma autoestrada nova e rápida, que deixou para trás uma vila velha e distraída.

Mas Mont-o-Ver persiste pela teimosia da natureza humana, daqueles que a amam, dos enjeitados.

Há sempre quem mantenha a esperança em coisas boas em tempos maus, e tente fazer o melhor com o que ainda lhe sobra. Todas as semanas, o cantoneiro trata do parque na zona de descanso; esmerando-se na sua jardinagem, Mestre Reis acaricia as árvores, fala com as flores, tira o pó dos bancos e troca os sacos do lixo vazios.

As crianças que restam já são poucas, mas nos meses de sol, Elias Froes tinha como garantido cruzar-se com uma delas, empoleirada no seu muro – de pé, sentada ou deitada, dependendo da temperatura do

dia – por hábito mais mal-humorada do que uma menina de dez anos deveria ser.

– Catalina... – cumprimentou o padre, amigável.

Resguardada pela folhagem do castanheiro, olhar de soslaio, ela fingiu não o seguir, voltando lentamente uma página amarelada do velho livro de pontas empinadas que lia. No chão, o seu pato expressava curiosidade pelos dois. Um bicho especial, que se provara tão capaz como um cão no que respeitava a morder, perseguir e causar problemas, sem lhe exigir afeto. Nem o padre nem ninguém o compreendia, mas Catalina amava o animal e salvava-lhe com regularidade o pescoço da faca afiada da avó. Ele parecia grato e ela orgulhosa do feito.

E assim, Elias Froes prosseguiu caminho, resguardado sob a aba do chapéu de palha, inclinado pelo peso do sol quente, e no movimento da batina, através do tecido, o toque do papel da carta ainda fechada. Tinha mais um segredo que dispensava saber e uma verdade em mãos que nem comigo queria partilhar. Ele estava a morrer, como todos nós, desde que nascera, e agora levava no bolso um parecer médico escrito em papel, que oficializava o destino.

Quando pisou os paralelos da praça do município, o comércio começava a fechar portas; o rodar de sinalética nos vidros foi sendo acompanhado por troca de saudações à passagem do padre. O mini-mercado da Júlia, a padaria da D. Branca, o talho do Ciro, o cabeleleiro da Ritinha, a farmácia do Dr. Óscar. O recém-chegado à vila, um jovem de cabeça rapada e roupas peculiares, que abriu o estranho Centro de Meditação e Bem-Estar, também ajustara o horário de funcionamento, ao perceber que era a passagem de Elias Froes, a caminho da igreja para a preparação da última missa, que ditava o final do dia em Mont-o-Ver.

Como em qualquer regra, também esta era confirmada pela sua exceção: Mondego e o Café Central. Todos os dias, Jorge Mondego respondia ao cumprimento do padre, com um levantar de mão que tanto poderia ser entendido como a saudação de um homem impaciente ou um insulto continuado. Elias Froes escolhia o primeiro e, à cautela, evitava incomodar Mondego. As más-línguas, que por aqui

têm sempre algo a dizer sobre o que não é como deveria ser, diziam que aquilo se tratava de despeito por um triângulo de amores infelizes na juventude dos dois, que já poucos lembravam, mas que Mondego nunca superara; também se acreditava que Mondego era um ateu sem alma, que queimara a bíblia e dormia com a caderneta da Caixa sobre a mesa de cabeceira; e ainda uns cochichos sobre vergonha pelo grande incêndio dez anos antes e a condenação do seu irmão como o responsável pelo flagelo da igreja. Se querem saber a minha opinião, a verdade estaria algures ali pelo meio, com os habituais mal-entendidos.

O povo esforça-se por esquecer que Mondego nasceu entre as barracas dos baldios mais distantes do canavial, construídas pelas gentes estranhas que chegaram e se instalaram nas terras, sem pedir autorização, nos bons tempos, antes da nova autoestrada. Jorge Mondego, o estupor que, sem nenhuma das vantagens que deveriam tê-lo ajudado, conseguiu ocupar o espaço privilegiado no coração de Mont-o-Ver, impondo-se na vida de todos eles.

Tal como à igreja, toda a gente vai ao Café Central, mas poucos gostam verdadeiramente de lá ir.

Para Catalina, estava perfeito. Dias longos, a escola fechada e tudo o que havia para fazer podia tornar-se interessante. Ela era Catalina Barbosa, autodenominada pirata, bandida e aventureira. Menina bem-comportada apenas aos domingos, quando a avó a amordaçava dentro de um vestido bonito para ir à missa. Mas este não era um desses dias, era um daqueles em que tudo corria como devia ser, com a moinha dos carros ao longe, o mundo sem se aproximar dela e ela a manter-se a uma boa distância do mundo. O que Catalina Barbosa não sabia sobre este verão é que ele iria tornar-se inesquecível, e que tudo estava prestes a começar.

Indiferente ao futuro, o tempo passava sem pressa, o sol vermelho secava o ar, os pardais respiravam de bico aberto, nem moscas se moviam, e até o pato se mantinha estranhamente calmo. Ela lia, avançava páginas no livro que o livreiro Bilros lhe emprestara, cada vez mais veloz, mais longe, para lá da imaginação. Mascava uma chiclete que roubara à mãe, passava mais uma página, soprava bolas elásticas verdes até rebentarem e continuava a ler. *É que eu também sou inventora, invento todos os dias uma nova forma de viver.*¹ Na passagem das páginas, a curiosidade e a teimosia eram à prova de calor e intempéries.

Lembram-se da velha estrada estreita que leva da autoestrada até Mont-o-Ver? O muro onde o padre Elias deixara Catalina ficava à

¹ *Bisa Bea, Bisa Bel*, de Ana Maria Machado

esquerda, antes de chegar ao centro da vila, junto ao casarão verde, a maior casa nas redondezas, conhecido como o rosto e coração da Quinta de Santa Luzia, propriedade de uma velhota de olhar ameaçador, que era dona do muro da Catalina e de muitos outros bem além do que a vista alcançava.

Tico, o seu primo mais novo, apareceu ao longe, junto à entrada da casa verde da D. Rosa. Catalina já esperava vê-lo a qualquer momento, era impossível livrar-se do pirralho que desenvolvera um sexto sentido só para a encontrar. A sua cabeça, pequena mesmo para os seus cinco anos, era iluminada a cor de cenoura numa coroa esquisita. Ninguém vira tal cabelo antes de a criatura nascer, assim como ninguém conseguia pousar olho no pai, o responsável por todos os infortúnios.

Era suposto ela tomar conta dele, segundo ordem da avó e o desejo da tia, mas o pequeno idiota era o único que ainda dava ouvidos a adultos. Desde que começara a caminhar, Tico mirradito, nome de batismo Tiago, vigiava-a como uma cria enjeitada. Agora que os dois eram obrigados a partilhar quarto e cama na casa da avó – depois de mais uma má decisão de vida da sua tia Celeste, que tem dedo podre para escolher homens, segundo consta –, só restava a Catalina fazer o seu melhor para o ignorar. Com o cão vadio que ele encontrara para passear acima e abaixo, as coisas não tinham melhorado. Dadas as circunstâncias, ela estava certa de que, eventualmente, viria a odiá-lo – assim que Tico lhe desse um motivo real para isso –, mas até lá, por especial favor à tia, que a motivava com subornos estratégicos na forma de rebuçados de sabores exóticos –, tentava garantir que o primo se mantinha vivo ao final do dia.

– Queres brincar? – perguntou Tiquinho, atirando um sorriso encardido para o topo do muro ainda inacessível.

O pato era o único feliz por os ver ali, especialmente atento pela presença do cão, agitado, mas sem mostrar demasiado interesse.

– Não – respondeu-lhe Catalina, sem tirar os olhos do livro.

– O que estás a fazer? – insistiu.

As perguntas obrigavam-na a ler uma segunda vez a mesma frase, roubando-lhe magia.

Pois era, para além de sentido de oportunidade, também faltavam ao minorca instintos naturais de sobrevivência.

Catalina acabou por desistir do livro.

– Coisas. – Pôs-se de pé no muro, de mãos na cintura, fazendo-se mais alta. – *Qu'è* isso? – perguntou, ao notar o pedaço de pão doce que ele trazia.

Tico apontou a casa grande e verde.

– A D. Rosa deu – respondeu, de boca cheia.

Junta-se uma velhota, a viver sozinha num casarão, com um esbuegalhado, tão esfomeado quanto carente, e dá-se uma amizade inevitável, pensou Catalina.

– Não me enxota, a mim – acrescentou Tico, oferecendo-lhe o resto do pão, como partilha do seu tesouro e prova de coragem.

Catalina ignorou a oferta e a fome.

– Sim, a velha nunca me quer por perto. Uma pena que não aprendas com ela e... – A razão do seu posto de vigia no muro interrompeu-a com o chocalhar caótico de latas arrastadas pelo chão.

Como um verdadeiro demónio, Zé Manel – Zé Mau para crianças e animais – surgiu logo a seguir ao primeiro som, rasgando o silêncio e a estrada vazia, tirando todo o partido da inclinação da rua para dar velocidade à geringonça enferrujada que o seu engenho de adolescente produzira na forma de bicicleta.

Entre as latas, os grasnos e latidos, a paz foi à vida no meio da algazarra, os pássaros voaram das árvores, os sardões recuaram para as silvas.

A bicicleta seguiu na direção deles, imobilizando-se depois de uma longa travagem que levou de arrasto o pneu traseiro.

– Olá, Barbosa – disse Zé Mau, desafiador. Gotas de suor a escorrem-lhe da testa até ao pescoço, a camisa molhada colada aos ombros.

Catalina franziu o sobrolho e manteve-se fiel à sua mais recente estratégia para lidar com o vilão: boca fechada e cenho carregado.

Zé Mau expeliu a gargalhada de um ser demente, ao estilo que sabia ser mais poderoso, porque fazia Catalina sentir-se vulnerável e insegura como a criança que era.

Invisível, Tico ocupava-se a confortar os animais; uma mão para o pato, outra para o cão.

Aquela breve paragem servia a Zé Mau para alimentar o jogo de medo que ele tanto estimava no tormento dos dois primos. Depois de satisfeito, seguiu viagem, deixando para trás um olhar que não dava esperanças para um bom reencontro no futuro. Ele era maléfico.

Com novo silêncio, Catalina disfarçou o suspiro de alívio no seu salto do muro para o chão.

– Tenho de ir! Montes de coisas *pa* fazer.

– Posso ajudar? – ofereceu-se Tico.

Ela riu-se.

– Claro que não.

– Vais para casa? – perguntou o primo.

– Só se não conseguir evitar. – Voltou-se uma última vez. – Puto, tu fica longe do Zé Mau – lembrou. – Não te metas no território dele. Dá-te uma coça assim que vir que consegue safar-se sem ser apanhado. Estou a avisar.

Tiquinho abriu a boca e foi silenciado por um gesto da prima antes de a primeira palavra sair. Ele obedeceu-lhe, mas sorriu. Agora, tinha um segredo.

No fundo do seu coração, Catalina tinha a certeza de que estava prestes a odiar o miúdo. Olhou o cão e pensou exatamente o mesmo. Voltou costas aos dois e lá foi, passo apressado, pato nos calcanhares.

Nestas coisas de contar histórias, como em tudo, a paixão pode tornar-se uma arte. A D. Ofélia – mulher séria de gargalhada extravagante e assustadora em momentos de apoteose – emprestava atenção a tudo o que pudesse tornar-se uma boa história. A sua preferência ia para factos verídicos, habitualmente, sobre a vida dos outros. Eu passo demasiado tempo com a D. Ofélia, admito; a culpa é dos assados de borrego que faz para o marido barbigudo e de tantas outras coisas deliciosas que foram mantendo o forno a lenha a arder quase todo o inverno. Falta muita coisa em casa da D. Ofélia, exceto comida e bocas para a enfardar.

Agora que o frio ficou para trás, não passamos tanto tempo a sós, apesar de o nosso apreço um pelo outro se manter. «És tu quem me vale no meio desta gente doida», diz-me muitas vezes. «Sabes que não confessava isto a mais ninguém», sussurrou-me em tantas ocasiões.

E quando se trata das suas coisas, é só a mim e ao padre Elias que fala delas; sobre si própria, há uma palavra em raras ocasiões, pois, para a D. Ofélia, a família é tudo. A dela, que estava sempre a aumentar da forma errada, dava-lhe conversa e pano para mangas em queixumes.

Três filhas, duas delas solteironas – Celeste e Lúcia, criaturas sem tino para escolher homens, que acabaram com filhos de cada uma das más escolhas que fizeram – e Antónia, o seu verdadeiro orgulho, mas incapaz de dar à D. Ofélia o único neto que algum dia desejara

ter. O Sr. Joaquim, o marido, era a cereja no topo do bolo das desgraças que lhe punham os nervos em franja, um homem tão imponente quanto o muito que comia e bebia, um alcoólico pouco funcional, que fingia não perceber a própria inutilidade e disfarçava tristezas com boas piadas e um sorriso de dentes amarelos.

Mas não importava o que a vida lhe colocasse às costas, a D. Ofélia tornara-se na mulher que sabe quem deve ser todos os dias, aos olhos de Deus e dos homens. O seu acordar era em prol do bom cumprimento dos mandamentos, do sagrado lugar da mulher no casamento e da proteção da sua família; o seu adormecer, o momento mais aguardado do dia, e nem mesmo aí se permitia uma lágrima sequer.

– Cataliiiiina! – gritou a D. Ofélia, num uivo que queria encher a casa e espalhar-se pelo quintal e arredores, até encontrar a neta.

O bebé começou a rir-se, os seus dois dentes a espreitar, acabados de romper das gengivas.

– Ainda não a vi – respondeu Celeste, que dava sopa ao bebé no seu colo.

Da televisão, sempre ligada na cozinha, vinham os gritos da apresentadora do programa da tarde que acompanhava a orquestra da loiça. Mãe e filhas falavam por cima do rebuliço.

– A vossa irmã deve estar *praí* a aparecer. A catraia já cá devia *d'estar*.

Lídia, que, sentada à cabeceira da mesa, arranjava as unhas à arte do verniz cor-de-rosa, engelhou o nariz.

– Até parece que a filha é dela.

– Preocupa-se mais do que tu, que és a mãe – respondeu Celeste à irmã, poupando a D. Ofélia a esse trabalho.

– Não tens filhos suficientes com que te preocupar?! – devolveu Lídia. – Deixa lá a minha em paz.

– Bem! Bem! – interrompeu a D. Ofélia, para pôr ordem. – Tonto nessas línguas.

Lídia soprou as unhas, Celeste revirou os olhos, o bebé riu-se.

– O quê?! Vocês é que acham boa ideia pôr a minha filha a tomar conta do Tico e, depois, admiram-se que nenhum deles apareça a horas.

– Podias tu tomar conta deles. Tens tempo – sugeriu Celeste.

– A minha filha já está grandinha para ficar debaixo da saia da mãe e tu...

A D. Ofélia bufou, de calor e falta de paciência. Atiçou a loiça, para o barulho a poupar da lengalenga da conversa. Aturar duas filhas solteironas e quatro netos não estava nos seus planos para aquela fase da vida. Valia-lhe Antónia, que nunca lhe dera problemas. Se, anos antes, soubesse o que a esperava, não se teria dado ao trabalho de ter tantos filhos. Foi em busca de segurança, de um maior amparo na velhice, só arranjou foi problemas. Celeste, a filha mais velha, já saíra de casa três vezes, levada por amores a três homens, e regressado outras tantas vezes, em cada uma delas com mais um neto para a D. Ofélia ajudar a criar. Lídia, a mais nova, outra cabeça de vento ainda pior, nem se deu ao incómodo de sair de casa, engravidou tão nova de Catalina que ela soube que iria ser novamente avó antes de a própria filha se dar conta. Celeste deu-lhe Elena, uma adolescente anémica demasiado silenciosa; Tiago, um doce de menino que a enchia de beijos sempre que havia oportunidade, e Aninhas, a bebé que estava agora ao colo da mãe, a tentar enfiar as mãos na boca cheia de sopa, numa luta destemida com os dentes. Lídia, a sua Lídia vaidosa, deu-lhe Catalina, bichinho estranho e selvagem que nem ela nem ninguém conseguiam domesticar; mãe aos dezasseis anos, Lídia parecia continuar a mesma adolescente linda e distraída, superficial no tratamento e nas conversas, indiferente à passagem do tempo, aos sonhos e ambições que deveriam movê-la, esquecida de si própria, à espera de ninguém sabia o quê.

A culpa, a D. Ofélia também admitia, era do mau olho para escolher homens que vinha de família, tendo sido ela própria a passar o enguiço às filhas para mais uma geração. Fazia aqui um *mea culpa*; pois até Antónia, que alcançara a proeza de caçar em Bento o melhor partido das redondezas, acabou com um homem que em quase dez anos de casamento ainda não conseguira embuchá-la com o neto que a D. Ofélia tanto pedia ao seu Deus Nosso Senhor.

Como se chamada pelos lamentos pensados da mãe, Antónia apareceu por entre a cortina de fitas coloridas que barrava a entrada às moscas.

– Olá, senhoras... – E na distribuição de cumprimentos à chegada, foi circulando em redor da mesa, movendo-se no desconforto da falta de espaço e muitos obstáculos. – Cheira bem! – O elogio fez crescer os ombros à D. Ofélia.

A cozinha era pequena, tal como tudo naquela casa que se via aflita para albergar tanta família. De cada vez que Celeste voltava, perdia-se a sala, e a cozinha sem janelas tornava-se a caverna onde toda a gente se reunia depois do levantar e antes do deitar.

– Jantamos? – perguntou Antónia, ao ouvido da mãe depois de lhe encostar um beijo.

– *Tá* pronto, filha, podes levar.

– Madames... – lançou convite às irmãs, ao pousar a panela na base ao centro da mesa. O jantar era a refeição mais desafiante, numa mesa para seis que tinha de ser rodeada por nove. Ainda assim, Antónia reservava na sua rotina duas refeições por semana em casa dos pais, para cumprir o seu dever de filha dedicada e pela oportunidade de deixar uma ajuda para as despesas sem ofender a mãe. Recusava-se a alterar hábitos sempre que a irmã decidia que um homem que escolhera, afinal, já não lhe servia.

Cada uma delas ocupou o seu lugar. Os três pratos vazios e os talheres que restavam foram empilhados a um canto. O Sr. Joaquim ainda não voltara do Café Central e as crianças continuavam sem aparecer.

– Cataliiiiina! – gritou novamente a D. Ofélia.

– Ai, mãe! – queixaram-se as três irmãs, em coro.

Até Elena, a filha mais velha de Celeste, com os auscultadores nos ouvidos, olhou a avó. Antónia sorriu-lhe. A sobrinha retribuiu discretamente. Eram as crianças que tornavam impossível voltar as costas às irmãs. Ela ajudara Celeste a refazer a vida na primeira vez em que as coisas lhe correram mal, usara toda a boa vontade da samaritana que acreditava ser; na segunda vez, sentira a hesitação do ceticismo; agora, à terceira, só repetiria o ciclo quem fosse parvo; e Antónia só passava por parva quando não conseguia evitar.

– Não é por gritar que eles vão aparecer mais depressa – comentou Lúcia.

Celeste pousou a bebé adormecida na alcofa e foi para a mesa.

– Quando a fome apertar, eles aparecem.

– Quero ir ao serviço hoje – avisou a D. Ofélia, referindo-se à missa das oito. – Não se esqueçam de esfregar aqueles dois, antes de os enfiarem na cama. Vejam lá que parti as costas a lavar e a trocar os lençóis todos, ah!

– Dar uma ajudinha não vos ficava mal – sugeriu Antónia, com uma delicadeza irónica e um olhar bem assente em cada uma das irmãs. E quando nenhuma lhe respondeu, reforçou para Celeste. – Especialmente tu. O exemplo deve vir dos mais velhos. – Não houve resposta.

Tornar a estadia de Celeste confortável não estava na lista de prioridades de Antónia; via a irresponsabilidade das irmãs como uma fatura que acabava sempre na caixa de correio de outros, para ser paga por quem tivesse mais vergonha: pelos homens que elas deixavam para trás, pelos seus pais obrigados a acolhê-las, pelas crianças.

As cinco começaram a jantar, sem palavra sobre o prato vazio deixado para o Sr. Joaquim. O homem da casa era uma presença sempre opcional. Em privado, a D. Ofélia evitava o marido, o seu cheiro a pipa seca, o desgosto tremendo de um companheiro de vida com o qual nunca podia contar; em público, tal como toda a gente da vila, ela fingia não se importar, fazia de conta que a embriaguez permanente do marido não era um verdadeiro problema, apenas incómodo em certos dias.

N o horizonte da planície, o sol fritava assente na terra es-caldante, uma gema de ovo que iluminava as últimas horas do dia como uma miragem dourada. Tico desaparecera. Catalina deu pela falta, ao chegar a casa, quando não o viu à sua espera no quintal; nem sinal do minorca, nem do rafeiro. Foi como se sentisse o açoite da avó.

Começou por procurá-lo nos lugares mais próximos e óbvios, até que aos poucos se foi afastando de casa, da vila, e agora via-se obrigada a aventurar-se no território do Zé Mau.

Chegada ao cais abandonado no canavial, o velho bote onde costumavam brincar estava vazio e ainda encalhado no lodo; a sua madeira seca e deformada pelava a tinta vermelha em redor dos muitos nomes cravados nele com ponta de navalha. Só no inverno chegava ali alguma água, e nunca a suficiente para zarpar. O bote era herança de crianças, passada a cada nova geração de piratas do lodo. Zé Mau reclamara-o para si há muito, mas o primo ainda mostrava dificuldades quando se tratava do respeito por limites e propriedade. Volta e meia, ele gostava de usar o bote para brincar com as rãs ou fazer umas sestras, sozinho, a ignorar perigos à toa.

Sem ver sinal dele, amaldiçoou Tico com os mesmos insultos que usara nos locais anteriores por onde passara, continuando caminho, seguindo pelos seus muros, na direção das ruínas do forte.

Em tempos um lugar de interesse para quem passava por Mont-o-Ver, o antigo Forte de Santa Luzia, a padroeira da vila, era composto por uma grande construção medieval. Tal como tudo por aqueles lados – há muito deixado à sorte e tomado de assalto pelo tempo –, as paredes de pedra estavam agora parcialmente destruídas, e onde antes havia janelas foram-se abrindo buracos do tamanho de portas, pela passagem do vento e da negligência. Demasiado grande e dispendioso para a sua inutilidade, os tetos tinham desabado quase por completo; depois, a vegetação invadiu-o sem encontrar resistência e deu-lhe um espírito selvagem, até mágico, nos dias em que a terra sossegava no nevoeiro e nem os pássaros voavam.

O Estado e o povo podiam não mostrar interesse em salvar o forte, mas as crianças recusavam esquecê-lo e, tal como o cais no canavial, depressa se apoderaram dele. Estava nos planos de Catalina desafiar a posse de Zé Mau; aquele lugar era digno de mais para ser domínio de um javardo; ideia para *um dia mais tarde*, porque o golpe ainda lhe exigia dedicação estratégica no planeamento. Ela só queria entrar em desafios para ganhar.

Com um pau bem seguro na mão cerrada, os bolsos cheios de pedras e ar preso nos pulmões, foi-se aproximando do forte em grandes círculos, desenhando uma espiral lenta que a levava às ruínas, evitando sons e aproveitando a discrição das ervas mais altas que lhe tocavam os ombros. O plano era tentar pôr olho em cima do fedelho e assustá-lo dali para fora o mais depressa possível. Não queria pensar em mais nenhuma alternativa, porque se Tico não estivesse ali, só lhe restava o canavial, e isso era como procurar uma agulha... num canavial.

Catalina apanhou sombra de movimento e paralisou a meio de um passo, pé suspenso no ar, coração a martelar nos ouvidos e o pau para a ajudar no equilíbrio. Esperou até poder confirmar que não estava a imaginar coisas e, ao vê-lo mais uma vez, conseguiu finalmente perceber do que se tratava.

– Se o rafeiro está aqui, o minorca não anda longe – murmurou pelo canto da boca, como se alguém ao seu lado aguardasse instruções.

A tentação era chamar pelo primo, gritar e vazar alguma fúria, mas se o Zé Mau estivesse por perto, iria haver sarilho.

Continuou a aproximar-se, até ver o pátio aberto no interior das ruínas, e foi então que ouviu risos; mais confiante, cruzou a entrada do forte, onde só resistia uma das portas gigantes de madeira, pendurada pela dobradiça enferrujada.

Era o pequeno idiota, não havia dúvida, e com ele estava um homem desconhecido.

Catalina parou, deixando-se bem à vista, numa postura de quem nada tem a esconder, muito menos medo fosse do que fosse. Sabia o valor de se esmerar num bom trabalho a exhibir a confiança necessária para a ocasião. Por aquelas bandas, era raro aparecerem estranhos e os adultos facilmente se esqueciam de ensinar os filhos a manterem a distância caso se cruzassem com um.

Os dois deram pela sua presença, quando o cão se aproximou dela através da parede aberta e correu com a loucura característica, língua pendurada, palhas coladas no nariz húmido, latidos impacientes a pedirem-lhe que atirasse o pau que ela trazia na mão.

– Lina! – exclamou Tico, como sempre, feliz por vê-la, e apontando-a com o dedo para a mostrar ao estranho. Ao não obter resposta da prima, pareceu finalmente perceber que estava em maus lençóis. Perdeu o sorriso e caminhou para ela, de queixo enfiado no peito, deixando um aceno de mão discreto em despedida ao misterioso companheiro. O desconhecido respondeu a Tico com o mesmo gesto, observando Catalina escassos segundos, até que elevou o braço, estendendo o cumprimento também a ela, no que pareceu ser um *olá* amigável.

Catalina só estava interessada em se despachar, antes que Zé Mau aparecesse; agarrou no primo pelo colarinho logo que ele ficou ao seu alcance e desandou dali para fora.

- A avó vai arrancar-nos as orelhas aos dois. Tudo culpa tua!
- Desculpa – choramingou Tiquinho.
- *Num* te disse que tens de estar em casa ao primeiro sino?!
- *Tim*.
- És mais asno que os asnos.

– *Escupa*, Lina.

– «Lina», o raio que *ta* parta. É Barbosa. Na rua, é *Barbosa!* – repetiu, tal como nos livros onde aprendera que os mais temidos, os mais poderosos, eram sempre tratados pelo apelido. E para além do mais, desde que soubera que *Catalina* resultara de um erro do avô, que quando foi registá-la, de tão bêbado quanto era normal nele, nem *Catarina* conseguiu escrever corretamente, aquele nome passou a soar-lhe ainda mais errado. O livreiro Bilros dissera-lhe que era possível uma pessoa mudar de nome, mas que isso era coisa para adultos; Catalina andava a pensar no assunto e, enquanto isso não acontecia, ia-se divertindo a inventar nomes errados para toda a gente; alguns deles, como o de Tico, acabavam por pegar pela sua teimosia e eram utilizados por toda a gente.

Os dois pequenitos regressaram a casa, metade do caminho a correr, metade a passo apressado, coração a palpitar.

– O que fizeste ao teu primo?! – perguntou a avó, ao vê-los chegar, cara de poucos amigos. Ela olhou para Tico; em algum momento do caminho, ele começou a chorar e ela não se apercebera.

– Nada! Não fiz nada – garantiu, olhando a avó nos olhos, desafiando-a a duvidar da sua palavra.

– Deixe-os que eles entendem-se sozinhos – disse a tia Celeste, em sua defesa, limpando os olhos e o ranho ao primo.

Sem que ninguém tivesse tempo de reparar, Catalina esboçou o primeiro sorriso do dia ao ver Antónia. Composta, foi dar um abraço à tia; forte, apertado, rápido. Depois, sentou-se ao lado da mãe, no sofá azul de tecido coçado, sem uma palavra. Lídia colava brilhantes delicados nas pontas das unhas, olhos imobilizados. A televisão anunciava um novo amaciador para roupa com pessoas felizes.

– Estou atrasada para a missa. Alimentem-me esses catraios – ordenou a avó, ao voltar as costas.

As tias e a mãe anuíram pela ordem por que tinham nascido. Mas a tia Antónia foi a única que se mexeu; começou a distribuir comida por dois pratos para eles, enquanto conversava com a tia Celeste, que olhava embevecida o seu bebé a dormir; a sua mãe continuava a olhar

as unhas; ela e o primo passaram para a mesa, colheres em punho, prontos para mastigarem hipnotizados pela televisão.

No assento à cabeceira da mesa, invisível à vista de todos, Elena, a prima adolescente, de auscultadores nos ouvidos, mantinha-se num qualquer lugar distante para onde a música habitualmente a levava, olhar descansado no quadro de *A Última Ceia*, escurecido pelo fumo da lareira, um polarizador esquecido pelo inverno.

Observo a Elena sempre que posso, com a atenção demorada que reservo para os silenciosos e, para meu espanto, pouco consigo dizer sobre a garota. Não importa o quanto lhe implore, nunca se deixa ver. Também aqui há gente assim, daquela que apenas vagueia entre os outros e se recusa a existir onde a obrigam a permanecer.